

**DIÁSPORA AFRICANA,
ANCESTRALIDADE E A
TRADIÇÃO RELIGIOSA DOS
CANDOMBLÉS:
(EN)CRUZILHADAS A CONHECER**

*AFRICAN DIASPORA,
ANCESTRALITY AND THE
RELIGIOUS TRADITION OF
CANDOMBLÉS: CROSSROADS TO
KNOW*

Claudete Beise Ulrich

Doutora e mestra em Teologia (Faculdades EST). Estágio Pós-doutoral em História (UFSC), Estágio-Pós-doutoral em Educação (UFES). Graduada em Teologia (Faculdade EST) e Licenciada em Pedagogia (UDESC). Atuou como coordenadora de Estudos na Academia de Missão junto à Universidade de Hamburgo. Professora no curso de graduação de Teologia, na Licenciatura em Ciências das Religiões e no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Faculdade Unida. Membro de la Escuela Internacional de Filosofía Intercultural EIFI, Barcelona/España. Coordenadora do grupo de Pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos e Teologia Pública e Estudos da Religião FUV. Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq) Culturas, Parceria, Educação do Campo (UFES). Pesquisadora: Pesquisadora Grupo de Pesquisa Teologia Pública em contexto latino-americano PUC/PR. Participante do projeto de pesquisa Religião, Política e Teologia no Espaço Público - PUC/PR, apoio do CNPq. Contato: claudete@fuv.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9830-3768>

Geisa Hupp Fernandes Lacerda

Mestra em Ciências das Religiões (FUV). Professora no Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), no curso de licenciatura em Pedagogia, professora coordenadora do grupo de Iniciação Científica "Infância, vulnerabilidade e racialização (UNESC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos/FUV. Contato: ge.lacerda@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8619-6144>

Edeson dos Anjos Silva

Doutorando em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Ciências das Religiões Faculdade Unida de Vitória (FUV). Professor de matemática da Rede Estadual do Rio de Janeiro (seeduc) e do Sistema de Ensino Contemporâneo (SEC). Licenciado em Pedagogia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos/FUV. Contato: edeson.anjos@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7915-7665>

Arlete Maria Pinheiro Schubert

Doutora e mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduada em História (UFES). Professora formadora da Universidade Federal do Espírito Santo na Licenciatura Intercultural Indígenas (PROLIND-UFES). Professora na Rede de Educação do município de Vitória. Atuou como formadora na Ação Saberes Indígenas na Escola. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos/FUV. E-mail: schubertarlete@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1951-0337>

Resumo: O presente artigo trata sobre a diáspora africana forçada e a consequente escravização de corpos negros, vindos de diferentes países africanos. A escravização no Brasil é a mais longa da América Latina e até hoje tem graves consequências na vida das populações negras. No entanto, a categoria da ancestralidade é fundamental no processo de resistência às diferentes violências sofridas ao longo da história. Ancestralidade é um conceito amplo, que acentua a importância das relações geracionais e afirma a importância da comunidade. Neste sentido, a memória ancestral foi fundamental no processo da construção do Candomblé, como experiência religiosa de resistência aos diferentes sofrimentos, buscando reunir o que foi separado no processo da diáspora. A metodologia empregada é qualitativa e bibliográfica. Objetiva-se apontar para a necessidade de estudar a diáspora africana, a categoria ancestralidade e a tradição religiosa do Candomblé, as suas relações históricas, colocando-se como (en)cruzilhadas a conhecer, objetivando a superação da intolerância religiosa.

Palavras-chave: Diáspora Africana. Ancestralidade. Religião de matriz Africana.

Abstract: This article deals with the forced African diaspora and the consequent enslavement of black bodies from different African countries. Slavery in Brazil is the longest in Latin America and until today it has serious consequences in the life of the black population. However, the category of ancestry is fundamental in the process of resistance to the different kinds of violence suffered throughout history. Ancestrality is a broad concept, which emphasizes the importance of generational relationships and it affirms the importance of the community. In this sense, the ancestral memory was fundamental in the process of building the Candomblé, as a religious experience of resistance to different sufferings, seeking to gather what was separated in the process of the diaspora. The methodology used is bibliographic and qualitative. The aim is to point to the need to study the African diaspora, the category of ancestry and the religious tradition of the Candomblé, its historical relations, placing itself as crossroads to be known, aimed at overcoming religious intolerance.

Keywords: African Diaspora. Ancestry. Religion of African origin.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade identificar o processo da diáspora africana: a travessia, a chegada ao novo mundo e o processo de adaptação, onde a constituição do pensamento afro-religioso teve um papel fundamental. A questão será abordada a partir da colonialidade e as invisibilidades das religiões afro-brasileiras com seus processos históricos de inferiorização e demonização.

Neste sentido, busca-se descrever a relevância da ancestralidade africana, suas contribuições e a construção do cenário religioso afro-brasileiro no contexto da sociedade brasileira, suas heranças culturais e religiosas. Diante do exposto, compreende-se a diáspora negra como o processo que obrigou diferentes povos negros com suas diferentes culturas ao deslocamento de forma forçada, ao êxodo, ao encontro com outra cultura, com novos significados e

símbolos e as relações que se estabeleceram entre colonizadores/opressores e os colonizados/oprimidos foram demarcadas pela desigualdade, escravidão, sofrimento e morte.

A construção da história do Brasil está amplamente atrelada ao processo das maiores barbáries humanas, nomeadas de escravização. A compreensão do domínio sobre o outro, desde a trajetória da retirada do solo africano, em condições desumanas nos navios negreiros, também conhecidos como tumbeiros, marcada pelo trajeto em condições precárias, má alimentação, as mortes por falta de assistência higiênica, entre outros, são as grandes mazelas dessa história de dominação e de colonização. Lilia Schwarcz Moritz aponta que foram 36 mil viagens trazendo pessoas escravizadas¹.

A diáspora africana, forçada pela escravização, denuncia o aprisionamento dos corpos, o domínio sobre a identidade, cultura, religião dos/as outros/as, gerando a invisibilidade histórica e o apagamento da presença dos/as negro/as na consolidação e construção da sociedade brasileira. Esta negação continuou pós-abolição. Buscou-se o branqueamento da população brasileira fomentando o processo imigratório europeu no início do século XIX.

No entanto, é necessário destacar que o processo histórico da diáspora forçada e o processo de escravização se realizaram com resistência, tendo no legado da ancestralidade um dos elementos que demarcou a cultura negra no Brasil e em outras partes do mundo. Objetiva-se refletir sobre o sofrimento da diáspora negra, a importância da ancestralidade e a construção da tradição religiosa do Candomblé na resistência ao sofrimento imposto pela escravização dos corpos negros.

Sofrimento: resultado diáspora negra

No processo acadêmico vigente, existem poucos debates que corroboram para ampliar os saberes e tecnologias negras advindas com a diáspora. De modo geral, compreende-se o/a negro/a como sujeito subalterno/a

¹ SCHWARCZ, Moritz Lilia. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 2.

e escravo/a. Pouco se mergulha na diversidade dos saberes e fazeres, na cultura e nas epistemologias negras. Neste sentido, Nilma Lino Gomes ressalta que é necessário entender que

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população.²

Portanto, compreender o movimento do trânsito diaspórico e sua metáfora de sofrimento e resistência é de suma relevância. Diáspora consistiu o processo em deixar o solo, ambiente denominado lar, de forma forçada para trás e a reconstrução de novos significados, atrelado ao desejo constante de retornar ao que foi deixado. Stuart Hall apresenta uma interessante definição sobre um intelectual diaspórico:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada.³

No processo diaspórico, Hall apresenta o dilema dos processos da perda e do exílio, do sofrimento do corpo, a uma tentativa de reformular o velho arranjo com o novo apresentado, agregando entre a dor da perda e chegada demarcando que outro colonizado sempre ampliou narrativas de ressignificar o perdido. De fato, permanece a sensação de nunca ter chegado. O contexto do cenário diaspórico aborda o cerne da metáfora de sofrimento provocada pelo colonialismo nas relações de poder que têm silenciado o/a outro/a colonizado/a ao longo da história, entre o processo da Diáspora e o movimento pós-diaspórico. Neste sentido, Boaventura de Souza Santos afirma que a

² GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, 2003. p. 77. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

³ CHEN, Kuan-Hsing. A Formação de um Intelectual Diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall. In: SOVIK, Liv (org.). *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Stuart Hall. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003. p. 407-434. p. 415.

[...] expressão 'epistemologias do Sul' é uma metáfora do sofrimento, da exclusão e do silenciamento de povos e culturas que, ao longo da história, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo. Colonialismo que imprimiu uma dinâmica histórica de dominação política e cultural submetendo à sua visão etnocêntrica o conhecimento do mundo, o sentido da vida e das práticas sociais. Afirmação, afinal, de uma única ontologia, de uma epistemologia, de uma ética, de um modelo antropológico, de um pensamento único e sua imposição universal.⁴

Já Paulo Freire lembrava que é necessário sulear a educação, o conhecimento na perspectiva da valorização da cultura nacional.

O termo 'sulear', na concepção de Paulo Freire, é associado, especificamente, à epistemologia do saber com a defesa e valorização da identidade nacional e do contexto local dos estudantes no processo educacional e de leitura do mundo. Sulear pensamentos e práticas é uma perspectiva que se anuncia no pensamento freireano para fortalecer a construção de práticas educativas emancipatórias.⁵

O primeiro a utilizar o termo sulear, no entanto, foi o físico brasileiro Marcio D'Olne Campos, em 1991, e Joaquim Torres desenhou a América Latina invertida, buscando perceber que o sul é nosso, que o sul passa a ser o norte⁶. Portanto, é necessário reler a história do Brasil e da América Latina a partir da diáspora africana, a partir dos povos escravizados que construíram com os seus corpos as riquezas deste país e continente. No movimento da diáspora negra, nos saberes e fazeres que envolvem a ancestralidade, se cultiva um novo fenômeno sociocultural, denominado de africanidades, isto é, o encontro de várias culturas africanas, reestruturando suas raízes e não se rendendo a cultura colonial.

Importante ressaltar que a diáspora negra colocou em contato diferentes povos e culturas africanas. As africanidades apresentam "as culturas híbridas", que segundo Hall, "constituem um dos diversos tipos de identidade

⁴ EM CONFERÊNCIA, BOAVENTURA traz metáfora do sofrimento e exclusão dos povos. *Agência Fio Cruz de Notícias*, 28 jul. 2010, on-line. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/em-confer%C3%A2ncia-boaventura-traz-met%C3%A1fora-do-sofrimento-e-exclus%C3%A3o-dos-povos>. Acesso em: 15 maio 2021.

⁵ TAVARES, Elaine. A origem do sulear. *Instituto de Estudos Latino-Americanos*, 23 out. 2019, on-line. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/origem-do-sulear>. Acesso em: 21 maio 2021.

⁶ TAVARES, 2019.

distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia”⁷. Neste sentido, há uma resignificação das africanidades, a partir da experiência da diáspora, do processo de escravização, originando a cosmovisão da Religião de matriz Africana como um sinal de resistência, motivo pelo qual a ancestralidade para os participantes dessa tradição religiosa é fundamental. Diante das mazelas e barbáries da diáspora negra advindas de um sistema colonialista e escravagista reclama a necessidade de descortinar o processo de resistência na epistemologia da ancestralidade.

Ancestralidade: um conceito amplo e fundamental na resistência à diáspora forçada

A ancestralidade é um conceito bastante amplo e fundamental na resistência da diáspora forçada africana. Ela tem a ver com a dimensão do indivíduo estar inter-relacionado com a comunidade e com a sabedoria das gerações anciãs. De acordo com Eduardo David Oliveira:

[...] a ancestralidade é uma categoria de conjunto e jamais uma categoria individual. A ancestralidade é o que torna comum a diversidade africana. Ancestralidade como precedência é o que unifica a comunidade. [...] O indivíduo não fica subsumido na comunidade. Pelo contrário, há uma ética da responsabilidade que densifica o papel social de cada um na sociedade africana, apenas que o princípio maior desta ética é o bem comunitário. A ancestralidade, no entanto, como categoria coletiva, atinge seu ápice de vida comunitária na medida em que o indivíduo vence as etapas de sua vida (nascimento, trabalho, iniciações, casamento, filhos) e torna-se ancião. [...] Interessante notar que a ancestralidade é um valor universal entre os africanos, mas como o universal africano comporta-se sempre como território, ela precisa singularizar-se em contextos bem definidos e ganhará a forma cultural de comunidade específicas. Como categoria universal a ancestralidade se realiza na sabedoria dos anciãos – máxima territorialização de uma norma universal.⁸

Em outras palavras o legado deixado para entender a ancestralidade africana recupera, *a priori*, os processos que permearam o tráfico escravagista por mais de três séculos no Brasil. Mesmo completando cento e trinta anos de extinção da escravatura, discorrer sobre qual/quais nação/nações

⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 89.

⁸ OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007. p. 275-276.

contribuiu/contribuíram para a construção deste país, para além de um trabalho atroz, nos faz pensar nos saberes, fazeres, práticas sobre os processos culturais, intelectuais, religiosos, entre outras facetas, que foram obra, também, das diversidades de nações, de homens e mulheres negras.

Haydée Sandra Petit afirma que a apropriação da ancestralidade está ligada com as linhagens que envolvem os antepassados e os mortos. “Implica, sobretudo, em valorizar os antepassados, a história dos mais velhos e o aprendizado dos seus ensinamentos; é ainda o que nos fornece uma identidade coletiva, propiciando um sentimento de pertencimento”⁹. Ainda segundo a autora citada, a circularidade demarca um papel fundamental como tecido da ancestralidade: “[...] o princípio de circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas. a interconectividade do ethos ubuntu reforça esse princípio, afirmando a relação comunitária que nos perpassa [...]”¹⁰, pois uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas. Eu sou, porque nós somos.

A ancestralidade também se constrói com as “memórias subterrâneas”¹¹ que ressurgem como resistência ao sofrimento, pois a mesma é uma categoria de relação, unidade, espiritualidade, corporeidade, cuidado da comunidade (a interligação do eu com o nós). Conceição Evaristo manifesta esta dimensão da ancestralidade profética no seu poema *Vozes-Mulheres*:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas

⁹ PETIT, Haydée Sandra. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral*. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 122-123.

¹⁰ PETIT, 2015, p. 124.

¹¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 4. Segundo o autor: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional.”

Candomblé, como resistência à diáspora africana e uma forma de cultivar a ancestralidade.

Tradição Religiosa Candomblé: Uma forma de cultivar a ancestralidade

Reginaldo Prandi afirma que o comércio escravagista no Brasil, entre os períodos de 1521 e 1851, trouxe mais de cinco milhões de pessoas escravizadas, não escriturando números dos que ainda morreram em solo africano vitimados pela violência da caça escravista, nem os que pereceram na travessia oceânica. Também não se tem dados desde que o tráfico se tornou ilegal¹⁴.

Mas, é necessário ter claro que foram milhões de pessoas, vindas de diferentes povos e culturas africanas que chegaram ao Brasil escravizadas. Stela Guedes Caputo aponta que estas pessoas escravizadas de diferentes regiões da África

[...] traziam suas relações com vida, a morte, as pessoas, a natureza, a palavra, a família, o sexo, ancestralidade, Deus, deuses, as energias, a arte, a comida, o tempo, a educação. Enfim, com suas formas de ver, pensar, sentir, falar e agir no mundo. Espalhadas assim formaram o que se chama de *diáspora* africana, ou seja, os negros e negras que nesse caso, sequestrados e sequestradas da sua terra levaram consigo suas tradições, mantendo-as e recriando-as no mundo inclusive Brasil.¹⁵

O surgimento da religião afro-brasileira denominada de Candomblé teve como objetivo reproduzir as instituições familiares da África. De acordo com Prandi, frente à separação da família sanguínea, a religião trouxe proximidade ou a tentativa de restabelecer um novo elo, partindo da família de Santo. O autor aponta que:

O candomblé resolveu isso atribuindo o orixá de cada um não pela origem sanguínea, mas pelo oráculo. Então a mãe de santo joga os búzios para saber quem é o seu orixá, mas o seu filho não vai ter o mesmo orixá. Mudou a forma de atribuição de orixá, que é mais

¹⁴ PRANDI, Reginaldo. De Africano a Afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 52-65, 2000. p. 52. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879/35450>. Acesso em: 20 maio 2021.

¹⁵ CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012. p. 40.

religiosa do que familiar, mas se manteve a ideia do segundo orixá. Nos terreiros, há uma divisão de tarefas. Há uma pessoa encarregada da cozinha, de cuidar das crianças, organizar as festas, tocar nas festas... Tudo isso, que era papel familiar, no candomblé virou papel religioso, mas o terreiro é uma espécie de miniatura do que era uma família.¹⁶

Na busca de elos de família de Santo, o Candomblé pode ser entendido como a reterritorialização da religião africana no Brasil e ressemantização dos símbolos africanos. O Candomblé “reproduz uma África que não existe mais, uma religião que não existe mais e uma família que não existe mais. A pessoa negra, quando entrava em um terreiro, era como se estivesse entrando de novo na África por algumas horas, para depois voltar para o mundo exterior.”¹⁷

O termo candomblé designa vários ritos com diferentes ênfases culturais, aos quais os seguidores dão o nome de ‘nações’ (Lima, 1984). Basicamente, as culturas africanas que foram as principais fontes culturais para as atuais ‘nações’ de candomblé vieram da área cultural banto (onde hoje estão os países da Angola, Congo, Gabão, Zaire e Moçambique) e da região sudanesa do Golfo da Guiné, que contribuiu com os iorubás e os ewê-fons, circunscritos aos atuais território da Nigéria e Benin. Mas estas origens na verdade se interpenetram tanto no Brasil como na origem africana. Na chamada ‘nação’ queto, na Bahia, predominam os orixás e ritos de iniciação de origem iorubá. Quando se fala em candomblé, geralmente a referência é o candomblé queto e seus antigos terreiros são os mais conhecidos: a Casa Branca do Engenho Velho, o candomblé do Alaketo, o Axé Opô Afonjá e o Gantois. As mães-de-santo de maior prestígio e de visibilidade que ultrapassou de muitos as portas do candomblé têm sido destas casas, como Pulquéria e Menininha, ambas do Gantois, Olga, do Alaketo, e Aninha, Senhora e Stella, do Opô Afonjá. O candomblé queto tem tido grande influência sobre outras ‘nações’, que têm incorporado muitas de suas práticas rituais.¹⁸

O processo de conhecimento do Candomblé¹⁹ é transmitido através da oralidade para as gerações de filhos/filhas de Santo mais novos/as; a cultura

¹⁶ PRANDI, Reginaldo. Sociólogo fala sobre intolerância religiosa e as influências das religiões afro-brasileiras na cultura do país. Sesc, São Paulo, 2 maio 2016, on-line. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/9940_REGINALDO+PRANDI. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁷ PRANDI, 2016, on-line.

¹⁸ PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1997. Capítulo I: Deuses africanos no Brasil. p. 6. Disponível em: http://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/Deuses_africanos_no_Brasil_0.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

¹⁹ A partir dos anos 60, contudo, a palavra candomblé, antes reservada às expressões baianas do culto aos orixás, começou a se transformar em nome genérico para os cultos afro-brasileiros de origem "antiga", das diversas regiões do país, em oposição ao termo umbanda, que é o nome pelo qual a mais difundida religião de origem africana é conhecida desde sua

geracional da religião é transmitida pela oralidade, emanando o conceito da ancestralidade africana. Na perspectiva da ancestralidade também pode se entender o Axé. Prandi aponta para a seguinte contribuição:

No candomblé, a palavra axé tem muitos significados. Axé é força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás. Axé é o nome que se dá às partes dos animais que contêm essas forças da natureza viva, que também estão nas folhas, sementes e nos frutos sagrados. Axé é bênção, cumprimento, votos de boa sorte e sinônimo de amém. Axé é poder. Axé é o conjunto material de objetos que representam os deuses quando estes são assentados; fixados nos seus altares particulares para serem cultuados. São as pedras (os otás) e os ferros dos orixás, suas representações materiais, símbolos de uma sacralidade tangível e imediata. Axé é carisma; é sabedoria nas coisas-do-santo, é senioridade. Axé se tem, se usa, se gasta, se repõe, se acumula. Axé é origem, é a raiz que vem dos antepassados. Os grandes portadores de axé, que são as veneráveis mães e os veneráveis pais-de-santo, podem transmitir axé pela imposição das mãos; pela saliva; que; com a palavra sai da boca; pelo suor do rosto, que os velhos orixás em transe limpam de sua testa com as mãos e, carinhosamente, esfregam nas faces dos filhos prediletos. Axé se ganha e se perde. A intensidade do axé de uma casa pode ser mensurada pelo número de filhos e clientes que seu chefe consegue arrebanhar. Axé é uma dádiva dos deuses, mas é preciso conhecer as fórmulas rituais corretas, perfeitas, para se chegar a ele.²⁰

Assim, cada terreiro/barracão possui seus ritos, narrativas, tradições, variando de acordo com a nação adotada naquela casa de santo; em linhas de interpretação, a nação move a tradição, partindo da premissa da ancestralidade. Com o panteão de Orixás²¹ no Candomblé Nagô, alguns elementos sagrados são de suma relevância, como os banhos de ervas, as matanças de animais para celebrações, jogos de búzios para descobrir o Orixá que comanda o Ori (cabeça) de cada filho, a harmonia com a natureza, pois o culto aos Orixás²² tem ligação direta com esses elementos. Pontua-se que esse processo ocorre de forma multifacetada no cenário brasileiro pelo fato da religião afro-brasileira ter em sua

formação, lá pelos anos 30 e 40. Ver: PRANDI, Reginaldo. Linhagem e Legitimidade: no candomblé paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 14, p. 1-17, 1990. p. 1. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/14/rbcs14_02.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.

²⁰ PRANDI, 1990, p. 7.

²¹ O autor Reginaldo Prandi, no Livro *Mitologia dos Orixás*, reuniu 401 descrições de histórias do panteão Africano, também conhecidos como Itáns; essa história baseada na oralidade veio com a diáspora Africana entre os séculos XV e XIX, período em que perdurou o sistema escravagista brasileiro, que perduram através do Candomblé onde o conhecimento ancestral é passado de geração a geração de Santo.

²² Orixás se refere a Divindades.

cosmovisão a memória ancestral, replicando-o em sua essência os saberes vividos na diáspora. A narrativa de espiritualidade é distinta, o pecado é inexistente nessas religiões que cultuam a divindade entre o sagrado (Orixás) e o profano (festas para orixás, incluindo elementos da natureza, comida, toques de atabaques e cantos em Yorubá).

Foram apresentados apenas alguns elementos do Candomblé, que necessita ser visto e entendido em sua diversidade no Brasil. No entanto, a tradição religiosa e cultural do Candomblé desponta como prática de resistência à diáspora africana, fortalecido pela memória da ancestralidade. Importante dizer que, no tempo presente, o Candomblé continua sendo elemento de resistência ao sofrimento do povo negro, sofrendo a intolerância religiosa.

Considerações finais

Diferentes povos negros chegaram no Brasil escravizados. A diáspora africana foi cruel. Ela destruiu famílias, comunidades inteiras. As/os negras/os que chegaram ao Brasil perderam as suas identidades e foram forçados ao trabalho. Vieram de grupos e tradições diferentes da África. Aqui no Brasil precisaram aprender de forma forçada a viverem juntos. Escravizados/as foram considerados um outro, sem direitos, simplesmente uma mercadoria de troca. A escravização no Brasil durou mais que três séculos e também após a abolição muitos negros e negras preferiram trabalhar por um prato de comida, pois não tinham para onde ir. Há uma dívida histórica, devido a diáspora africana, a escravização de corpos negros que necessita ser trabalhada, numa perspectiva libertadora/emancipadora. Novos olhares, a partir de novas epistemologias que nascem do sul, portanto, necessitam sulear as propostas teóricas e práticas de nossos diferentes espaços de vida e educação.

A memória ancestral foi um dos elementos fundamentais para a resistência negra. A ancestralidade é uma categoria complexa que se liga aos antepassados e tem aí a sua riqueza. A força da categoria ancestralidade se encontra na relação com a comunidade, nunca se é alguém apenas individual, mas se é junto com o/a outro/a. Portanto, a ancestralidade é um conceito que

necessita ser aprofundado, especialmente, no tempo em que cresce o individualismo e diminui a importância da comunidade.

A ancestralidade também foi e continua sendo fundamental para o fortalecimento da construção do Candomblé, uma religião afro-brasileira que nasceu na resistência do sofrimento da escravização. Foi no Candomblé que muitos africanos/as encontraram novamente a sua dimensão de família e de comunidade. O Candomblé necessita ser visto e entendido em sua diversidade. De norte a sul do Brasil, esta tradição religiosa afro-brasileira não é homogênea. É plural, pois a história de cada lugar é diferente, bem como a resistência desenvolvida pelos negros/as. Os Candomblés, portanto, necessitam ser entendidos em sua riqueza histórica e cultural, sendo este um aspecto fundamental para a superação do racismo e da intolerância religiosa e cultural no Brasil. Urgente se faz conhecer as (en)cruzilhadas das lutas do povo negro brasileiro, a partir do fato histórico da diáspora africana, da luta de resistência contra a escravização a partir do conceito de ancestralidade e da construção dos diferentes Candomblés, objetivando a construção de uma sociedade democrática, plural, antirracista, respeitosa da diversidade cultural e religiosa brasileira. É fundamental que estas epistemologias e perspectivas façam parte dos cotidianos e currículos escolares, pois as transformações nas relações passam pelo processo educativo. As ausências necessitam se fazer presenças, para isto é necessário conhecer e reconhecer as en(cruzilhadas) do povo negro no Brasil e a sua importância na formação da sociedade brasileira.

Referências

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CHEN, Kuan-Hsing. A Formação de um Intelectual Diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall. *In: SOVIK, Liv (org.). Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Stuart Hall. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003. p. 407-434.

EM CONFERÊNCIA, BOAVENTURA traz metáfora do sofrimento e exclusão dos povos. *Agência Fio Cruz de Notícias*, 28 jul. 2010. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/em-confer%C3%Aancia-boaventura-traz->

met%C3%A1fora-do-sofrimento-e-exclus%C3%A3o-dos-povos. Acesso em: 15 maio 2021.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FRANÇA, Heloisa. *Corpo-Templo: poéticas visuais, rito e memória*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Cachoeira, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

PETIT, Haydée Sandra. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRANDI, Reginaldo. Linhagem e Legitimidade: no candomblé paulista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 14, p. 1-17, 1990. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/14/rbcs14_02.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.

PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1997. Capítulo I: Deuses africanos no Brasil. Disponível em: http://reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/sites/reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/files/inline-files/Deuses_africanos_no_Brasil_0.pdf. Acesso em: 10 mar. 2021.

PRANDI, Reginaldo. De Africano a Afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 52-65, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879/35450>. Acesso em: 20 maio 2021.

PRANDI, Reginaldo. Sociólogo fala sobre intolerância religiosa e as influências das religiões afro-brasileiras na cultura do país. Sesc, São Paulo, 2 maio 2016. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/9940_REGINALDO+PRANDI. Acesso em: 19 abr. 2021.

SCHWARCZ, Moritz Lilia. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TAVARES, Elaine. A origem do suleiar. *Instituto de Estudos Latino-Americanos*, 23 out. 2019. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/origem-do-suleiar>. Acesso em: 21 maio 2021.